

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N^o 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

Ana Luiza Dornelas Mota

Protejam-se, os subversivos vêm aí:
Imaginário anticomunista em Patos de Minas – MG (1917-1940)

Uberlândia
2010

Ana Luiza Dornelas Mota

Protejam-se, os subversivos vêm aí:
Imaginário anticomunista em Patos de Minas – MG (1917-1940)

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Prof^a. Doutora Christina da Silva Roquette Lopreato.

Uberlândia, julho de 2010

MOTA, Ana Luiza Dornelas, 1985.

Protejam-se, os subversivos vêm aí: Imaginário anticomunista em Patos de Minas – MG (1917-1940)
Ana Luiza Dornelas Mota – Uberlândia, 2010.

50 fls

Orientadora: Profª. Dra. Christina da Silva Roquette Lopreato

Monografia (bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História

Inclui Bibliografia

Imaginário anticomunista – medo – Patos de Minas

Ana Luiza Dornelas Mota

PROTEJAM-SE, OS SUBVERSIVOS VÊM AÍ:
IMAGINÁRIO ANTICOMUNISTA EM PATOS DE MINAS – MG (1917-1940)

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Christina da Silva Roquette Lopreato (orientadora)

Prof. Doutor Antônio de Almeida

Profa. Ms. Antoniette Camargo de Oliveira

*A prisão não são as grades, e a liberdade não é a rua;
existem homens presos na rua e livres na prisão. É uma
questão de consciência.*

Gandhi

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Deus por poder agradecer e pelas pessoas que colocou em meu caminho.

Aos meus pais, João e Dalcy, pela vida, amor, broncas, mas, principalmente, por aceitarem meu curso, por entenderem que posso ser feliz com minha profissão.

Aos meus irmãos que tanto amo, Saulo (meu melhor amigo) e Sabrina (meu anjo da guarda), pelas brigas, pela cumplicidade, pelas conversas e apoio, pela eterna amizade em seu sentido mais profundo.

Às minhas vizinhas, Maria e Izaltina, pelo exemplo de vida.

Aos meus padrinhos, Tia Tida, Tio Catiara, Tia Lourdinha, Tio Osvaldo e Tia Lia, pelo carinho.

Aos meus primos queridos: Rivinha, Caduzinho, Sandrina, Carol, Clark, Milene, Beto, Babi, PC, Lau, Fabrício, Henrique, pelas festas, risadas, pela velha e, talvez terrível, cumplicidade...risos. Adoro vocês!

Às amigas: Aninha, Landa, Renata, Jaque, Lu Andrade, Luciana Tavares, Fernandinha e Claudinha, por tudo.

Em especial às minhas grandes amigas: Dendena e Pops, pela amizade, farras, alegrias e pelos melhores e mais divertidos (inocentes) anos de minha vida.

Aos professores (Tia Eunice, Rassi, Roberto e Altamir) e colegas do UNIPAM – Centro Universitário de Patos de Minas.

Aos colegas da FAU (Fundação de Apoio Universitário) pelo carinho e por me aguentarem enquanto sofria com a monografia: Cibeles, Rafael, Katryn (especial), Juzinha,

Juliana Gough(pelas caronas e atenção), Diana(pelas conversas), Lorena (uma figura que adoro) e Lórie (“grande” colega e amiga).

Aos professores do Curso de Graduação em História da UFU: Marta, Regina, Luciene, Guilherme, Alexandre, em especial, Antônio de Almeida e Maria Clara, pelo conhecimento compartilhado e pelas aulas. Em especial ao João Batista pela atenção e carinho de sempre.

Aos colegas de sala pelos momentos de discussão.

Aos professores Antonio de Almeida e Antoniette Camargo pela paciência e presteza.

À professora Christina Lopreato pela paciência e incentivo. Obrigada professora por não desistir de mim!

Ao meu grande amigo Thiago pela paciência, pelo carinho, por me escutar e, também, pelas broncas. Obrigada. AMIGO!

E por último a uma pessoa especial que Deus colocou em meu caminho, Rosemar. Agradeço pelo amor, carinho, amizade, companheirismo, por tudo! Obrigada pelo apoio e compreensão! Ah! Espero que tente ler a monografia...risos.

A todos, que outros que não foram citados aqui, mas que de alguma forma contribuíram para a construção dessa monografia, muito obrigada mais uma vez...

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Elementos do imaginário anticomunista	14
Patos de Minas: subversivos à vista?	27
1. A URSS: “paraíso socialista”?	31
2. Os anos 1930: a efervescência do medo.....	37
3. A edificação do medo: elementos da conspiração anticomunista	40
Considerações Finais.....	47
Referências	49

Introdução

Este trabalho apresenta como objeto de estudo o imaginário social¹ anticomunista de 1917 e seus “ecos” até meados da década de 1940, na cidade de Patos de Minas – localizada no Alto Paranaíba, Minas Gerais – buscando entender as peculiaridades do imaginário social anticomunista no período compreendido pela pesquisa. Neste período, as manifestações anticomunistas nesta cidade, principalmente em jornais, eram constantes e efervescentes, o que nos possibilita afirmar que a “reação” anticomunista é percebida não apenas em situações de instabilidade social.

Nos últimos anos, notamos uma grande preocupação com estudo sobre o anticomunismo no Brasil. Dessa forma, a problemática teve como pressupostos a recente historiografia vinculada ao tema e a necessidade de evidenciarmos, através de nossas fontes, peculiaridades do imaginário social anticomunista no período compreendido pela pesquisa.

No entanto, a minha reflexão se coloca contrariamente às interpretações que balizam a gênese do anticomunismo brasileiro tendo como marco fundador a “intentona” de novembro de 1935², partindo do pressuposto de que o “combate” ao comunismo, como por exemplo, nesta cidade, presente principalmente na imprensa, começou logo após a Revolução de Outubro de 1917.

Chamo a atenção justamente para o fato de que a construção do comunista como inimigo e todas as suas decorrências devem ser analisadas não apenas a partir de 1935, mas

¹ Pierre Ansart referencia os imaginários sociais como um conjunto coordenado de representações que tomam parte numa prática social que se realiza numa rede de sentidos, onde são fixados pela sociedade, simbolicamente, normas e valores. ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977, p. 21-22.

² Ver LIMA, Idalice Ribeiro S. *Flores do mal na cidade jardim: Comunismo e Anticomunismo em Uberlândia 1945-1964*. Campinas, UNICAMP, Mestrado em História, 2000. MOLINARI FILHO, Germano. *Controle Ideológico e imprensa: o anticomunismo n’O Estado de São Paulo 1930-1937*. São Paulo, PUC/SP, Mestrado em História, 1992. OLIVEIRA, Silvio José de. *Tonalidades de vermelho: comunismo e anticomunismo no Norte do Paraná 1945-1960*, Londrina. Assis, UNESP, Mestrado em História, 2000. VITAL JR., Raul Rebello. *O Tribunal vermelho: em cena o caso Elza Fernandes – recortes do anticomunismo brasileiro durante o Estado Novo*. Porto Alegre, PUCRS, Mestrado em História, 2001.

sim estudada como um processo histórico. Deste modo, muito mais que tentar entender os interesses que estavam por trás da construção e perpetuação deste imaginário, buscamos entender se as vozes dissonantes – aqui entendidas como comunistas ou simpatizantes das idéias comunistas – foram caladas ou caíram no esquecimento.

É importante destacar que o imaginário anticomunista não foi construído somente aqui no Brasil, mas também no mundo. Onde havia e há exploração, dominação do sistema em que estamos inseridos, há resquícios dos que foram, ou são, favoráveis ou contra comunistas.

Dessa forma, este trabalho é permeado por minha inquietude do próprio presente, pois, como nos mostra Bloch:

para formular corretamente os problemas, para até mesmo fazer uma idéia deles, uma primeira condição teve que ser cumprida: observar, analisar a paisagem de hoje. Pois apenas ela dá as perspectivas de conjunto de que era indispensável partir, não, decerto, que se trate – tendo imobilizado, de uma vez por todas, essa imagem – de impô-la, tal qual, a cada etapa do passado sucessivamente encontrado, da montante à jusante. Aqui como em todo lugar, essa é a mudança que o historiador quer captar³.

Muitos afirmam que o debate acerca do imaginário anticomunista está “sepultado”. No entanto, não compartilho de forma alguma com esta máxima, uma vez que este imaginário está presente e enraizado nos dias atuais, em diferentes cenários da vida cotidiana.

Com dito anteriormente, notamos, cada vez mais, a discussão na recente historiografia vinculada ao tema⁴. Marcos Gonçalves⁵, por exemplo, em sua análise sobre o imaginário

³ BLOCH, Marc. A observação histórica. In: BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 67.

⁴ Trabalhos acadêmicos sobre o anticomunismo: AZEVEDO, Débora B. *Em nome da ordem: democracia e combate ao comunismo no Brasil (1946-1950)*. Brasília, UnB, Mestrado em História, 1992. BAPTISTA JR., Roberto. *Comunismo Internacional, Repressão e Intervencionismo nos Governos Dutra e Vargas*. Brasília, UnB, Mestrado em História, 2001. FERREIRA, José Roberto M. *Os novos bárbaros: análise do discurso anticomunista do Exército brasileiro*. São Paulo, PUCSP, Mestrado em Ciências Sociais, 1986. GONÇALVES, Marcos. *“Os arautos da dissolução”: mito, imaginário político e afetividade anticomunista, Brasil 1941-1947*. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, dissertação de mestrado, 2004. LIMA, Idalice. *Flores do mal na cidade jardim: Comunismo e Anticomunismo em Uberlândia 1945-1964*, op. cit. MOLINARI FILHO, Germano. *Controle Ideológico e imprensa: o anticomunismo n’O Estado de São Paulo 1930-1937*, op. cit. OLIVEIRA, Sílvia José de. *Tonalidades de vermelho: comunismo e anticomunismo no Norte do Paraná 1945-1960*, op. cit. VITAL JR., Raul Rebello. *O Tribunal vermelho: em cena o caso Elza Fernandes – recortes do anticomunismo brasileiro durante o Estado Novo*, op. cit.

anticomunista no Brasil, considera que o anticomunismo é uma política que serve a pretextos de dominação, um discurso ideologicamente apoiado na sensibilidade apropriada do imaginário coletivo e um sentimento ramificado na cultura política brasileira, autoritária na sua essência e nas suas práticas.

Cidades pequenas, como Patos de Minas, tinham o seu cotidiano moldado pela vida do campo. As imagens associadas às idéias revolucionárias chegavam até os moradores por intermédio de jornais, escritos, basicamente, por médicos, pessoas de grande expressão política e econômica na cidade, assim como políticos locais, sendo reproduzidas no convívio social e nas conversas informais. O comunismo, através desse discurso, só assumia características negativas: era sinônimo de ateísmo, corrupção, imoralidade, desordem...

Esta abordagem negativa suscitou em mim alguns questionamentos: quais as referências contidas no anticomunismo que podemos assinalar como eficazes para sua subsistência? Em que medida tais mecanismos de conservação do anticomunismo estavam apoiados pelos imaginários sociais? E ainda: qual seria a intenção dessa disseminação anticomunista em Patos de Minas? Quais interesses estavam por trás da construção deste imaginário? O que os jornalistas e a sociedade entendiam por comunismo? As vozes dissonantes foram caladas, caíram no esquecimento? A história oficial silenciou a história dos destoantes?

Sob essas perspectivas, a problemática que permeia nossa discussão requer esclarecimentos quanto à escolha de fontes e abordagens analíticas, bem como a escolha temporal.

No âmbito do trabalho, priorizamos os jornais *Folha de Patos* e *O Federalista*. Apesar de várias pesquisas históricas sobre anticomunismo terem utilizado a imprensa como fonte, ainda há espaço para estudos que enfoquem os jornais, pois grande parte dos que assumiam posições políticas e tinham interesse em se colocar contra o comunismo ou àquilo que era identificado com ele, manifestavam-se, também, através dos jornais. A utilização dos jornais

⁵ Cf. GONÇALVES, Marcos. *Os arautos da dissolução: mito, imaginário político e afetividade anticomunista, Brasil 1941-1947*. op. cit.

vem mostrando aos historiadores a importância desse documento enquanto produtor de textos escritos, e imagens produzidas por palavras, fotografias, etc.

Maria Helena Capelato⁶ nos mostra como nos estudos dos imaginários sociais, e, logo, do anticomunismo, o uso da imprensa é extremamente significativo. Isso nos leva a pensar: que interesse teriam as pessoas que redigiam as matérias jornalísticas na disseminação deste imaginário anticomunista? Como nos mostra Marc Bloch, a investigação histórica só é possível a partir do momento que analisamos nossos documentos criticamente, sabendo que a(s) pessoa(s) que o redigiu (ram) pode(m) ter interesses, ou não, na omissão e/ou inversão de significados. Por isso, torna-se de fundamental importância analisar os jornais, bem como os outros documentos, fazendo algumas perguntas, tais como: por que foram escritos? Quem os redigiu?

Um dos princípios que nortearam este trabalho no que tange as abordagens analíticas é o entendimento de que o político emerge das atividades humanas. Podemos afirmar que o campo do político é autônomo, e pode ser percebida na esfera das relações sociais, vinculada a vários setores da atividade humana.

Após décadas de abandono em virtude de sua identificação a uma visão de história linear e factual, a história política ressurgiu devido, principalmente, à incorporação de métodos e técnicas das ciências sociais. Novos enfoques foram incorporados ao fazer historiográfico, como, por exemplo, o antropológico que contribuiu bastante para a apreensão da dialética entre a estrutura e o acontecimento.

No primeiro capítulo, a preocupação foi identificar os principais argumentos utilizados pelos anticomunistas na representação do imaginário anticomunista. Para essa análise o livro de Rodrigo Patto Sá Motta, *Em guarda contra o perigo vermelho. O anticomunismo no Brasil (1917-1964)*⁷, foi de suma importância, uma vez que esse autor faz uma análise do

⁶ CAPELATO, Maria Helena R.; DUTRA, Eliana Regina de F. Representação Política. O reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira. In: CARDOSO, Ciro F.; MALERBA, Jurandir. (Org.). *Representações: Contribuição a um debate transdisciplinar*. São Paulo: Papius, 2000, p. 248

⁷ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho. O anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

anticomunismo no Brasil de 1917 a 1964, elencando os principais elementos e instituições utilizados pelos anticomunistas, seja em jornais, folhetins ou por meio de imagens.

Já no segundo capítulo, buscamos analisar as fontes jornalísticas patenses, avaliando como os sujeitos históricos diversos engajavam-se no projeto político legitimador do anticomunismo. Destacamos, também, algumas matérias que demonstravam, inicialmente, certa simpatia ao comunismo, atacando-o, posteriormente, de maneira menos agressiva.

No desdobramento dessa problemática, o esforço ficou centrado em estabelecer as formas de intensificação da experiência anticomunista entre 1917-1947. Num primeiro momento, o problema enfatiza uma temporalidade que podemos designar como um período de efervescência das manifestações anticomunistas em Patos de Minas.

Elementos do imaginário anticomunista

Uma discussão sobre a metodologia de trabalho do historiador, tanto quanto a noção de documento, é de suma importância. Para isso, procurei fazer uma interlocução entre vários autores, como Marc Bloch, Lucien Febvre, Jacques Le Goff, Adalberto Marson, François Furet, entre outros.

Jacques Le Goff, quando perguntado sobre o por que de ter escolhido o caminho da história respondeu: “Tive de refletir sobre o fato de que não se pode fazer história a priori”⁸. Isso nos remete a pensar o caminho que o historiador propõe percorrer. Mas, é preciso atentar para o que Bloch ressalta: “o explorador sabe muito bem, previamente, que o itinerário que ele estabelece, no começo, não será seguido ponto a ponto. Não ter um, no entanto, implicaria o risco de errar eternamente ao acaso”⁹.

Antes de adentrar uma discussão sobre documentos, fato histórico, tomando como base, principalmente, os *Annales*, acreditamos que as palavras de Ronaldo Vainfas apresentam de modo sucinto, mas primoroso, tal movimento:

[...] combatiam, pois, uma história somente preocupada com os fatos singulares, sobretudo com os de natureza política, diplomática e militar. Combatiam uma história que, pretendendo-se científica, tomava como critério de cientificidade a verdade dos fatos, à qual poderia chegar mediante a análise de documentos verdadeiros e autênticos (ficando os “mentirosos” e falsos à margem da pesquisa histórica)¹⁰.

Como vimos na afirmação de Vainfas, os *Annales* relegaram a segundo plano a localização rigorosa dos fatos no tempo. Assim, os personagens históricos e as datas heróicas enfrentaram, desde as primeiras décadas do século, uma forte oposição dos fundadores dos

⁸ AUFIRAS, Monique. Uma entrevista com Jacques Le Goff. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p. 264.

⁹ BLOCH, *Apologia...*, op. cit., p. 79.

¹⁰ VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Dominios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 130.

Annales, Lucien Febvre e Marc Bloch. O último, em seu livro intitulado *Apologia da história ou ofício do historiador*, denominado por Lucien Febvre “uma revista crítica das más maneiras de pensar e praticar a história”¹¹, pontua sobre a história historizante:

é que pensavam antes de tudo em uma história de acontecimentos, até mesmo de episódios: quero dizer, aqueles que, certo ou errado [...], dão extrema importância a retratar exatamente os atos, palavras ou atitudes de personagens, agrupados em uma cena de duração relativamente curta, que se concentram, como na tragédia clássica, todas as forças da crise do momento: jornada revolucionária, combate, entrevista diplomática.¹²

A recusa da narrativa pelos historiadores dos *Annales* foi, de início, uma rejeição da história positivista, então dominante, a história historizante, ou do acontecimento, que privilegiava os fatos políticos, diplomáticos e militares. A história historizante ou tradicional acentua o acontecimento, o fato singular verificado num tempo curto, isto é, o acontecimento seria capaz de deter sentido em si mesmo. A história, para o modelo positivista, é a maneira como o historiador compreende e relaciona uma série de acontecimentos. É a historiografia dos “fatos” estabelecidos mediante os documentos, como afirma François Furet em uma entrevista à *Revista Estudos Históricos*: “a história tradicional tinha, sobretudo esse defeito: era a urna da história *événementielle* que extraía sua significação de uma coleção de fatos que supostamente deveriam falar por eles mesmos”¹³.

Para os *Annales*, os historiadores deveriam desprezar os acontecimentos singulares e/ou sequenciais. Assim, definiram um tipo específico de história: a história-problema. A história, então, tornou-se uma construção do historiador, que organiza os fatos conforme o problema e, portanto, um evento não mais seria concebido como um ato da realidade. Destarte, como destaquei acima, a história se tornou uma construção do historiador, uma vez que o fato histórico: é “algo dado? Não, algo criado pelo historiador, quantas vezes? Algo

¹¹ LE GOFF, Jacques. A história nova. In: *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 34

¹² BLOCH, *Apologia...*, op. cit., p. 70-71.

¹³ CAMARGO, Aspásia. O Historiador e a História: um relato de François Furet. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, 1988, p. 159.

inventado e construído, com a ajuda de hipóteses e conjecturas, por um trabalho delicado e apaixonante”¹⁴.

Febvre destaca a importância de não se fazer apenas uma história do real acontecido, ressaltando o papel do historiador na construção do fato histórico. Isso pode ser percebido em sua explanação, também, sobre a importância dos fatos:

Porque enfim, os fatos... E a que denominam vocês fatos? ... Pensam acaso que eles são dados à história como realidades substanciais que o tempo escondeu de modo mais ou menos profundo, e que se deve simplesmente desenterrar, limpar e apresentar à luz do dia aos nossos contemporâneos?...Um historiador que se recusa a pensar sobre o fato humano, um historiador que professa a submissão pura e simples a esses fatos, como se não fossem de sua fabricação, como se não tivessem sido escolhidos por ele, em todos os sentidos da palavra, escolhido – é uma ajuda técnica. Que, pode, aliás, ser excelente. Mas não é um historiador.¹⁵

Desprezavam, também, os personagens ilustres, devendo dar mais importância ao coletivo, dando espaço a eventos forjados pelo coletivo, por homens anônimos, pela sociedade, tratava-se de uma concepção que visava a totalidade. Compreender a sociedade a partir de sua “totalidade” significa entender que os sujeitos históricos são sujeitos políticos, econômicos, culturais, sociais, isto é, estão inseridos em uma sociedade mais complexa.

Para analisar e compreendermos a sociedade como propunha os *Annales*, a ampliação do conceito de documento foi uma importante contribuição deste movimento, uma vez que: “a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele”¹⁶. Essa “revolução documental” possibilitou um deslocamento temático, por exemplo, da análise dos sujeitos somente a partir do econômico para o estudo do homem em sua totalidade.

¹⁴ FEBVRE *apud* LE GOFF, Jacques. A História Nova. In: *história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 32.

¹⁵ FEBVRE, Lucien. Combates pela história. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Febvre, história*. Tradução de A. Marson, P. de Salles Oliveira e M. Elisa Mascarenhas. São Paulo: Ática, 1978, p. 105-106.

¹⁶ BLOCH, *Apologia...*, *op. cit.*, p. 79.

Como já dito: o fato histórico é uma construção do historiador; para analisarmos a sociedade é preciso apreender os sujeitos históricos em vários âmbitos: político, econômico, social, cultural, e para essa análise a ampliação do conceito de documento é de suma importância. Cabe ao historiador, após definir o seu objeto de estudo, “inventar suas fontes”¹⁷ e transformá-las em documentos históricos, para depois proferir sobre o objeto por ele construído. Aqui cabe ressaltar mais uma grande contribuição dos *Annales* no tocante à utilização dos documentos. O modelo positivista utilizava os documentos para confirmar um dado acontecimento, isto é, o documento seria a única forma de se chegar à verdade dos fatos e os documentos que seriam “verdadeiros” e capazes disto seriam os escritos. Mas como afirma Adalberto Marson, a realidade histórica “não é capaz de falar espontaneamente por si própria, a menos que se contente em ter apenas um mero registro de descrição do real acontecido”¹⁸.

No entanto, como destaca Bloch: “os textos ou documentos arqueológicos, mesmo os aparentemente mais claros e complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los”¹⁹. Furet nos esclarece sobre a importância de analisarmos os documentos, já que: a história factual não dispensa o trabalho intelectual, as hipóteses, a compreensão”²⁰, ou seja, não se compromete em reproduzir o que documento afirma, mas sim, partir dele e de outros documentos para entendermos a sociedade, pensando sempre que foram redigidos por homens que são parte de uma dada sociedade que podem não estar isentos de qualquer erro, ou podem, com ou sem intenção, manipular o documento.

Vale ressaltar, que em Patos de Minas, no período aqui compreendido, existiam jornais e revistas, e como escreveu o autor patense Geraldo Fonseca se tratava de: “uma imprensa que provocou torvelinhos políticos”²¹.

¹⁷ FURET, François. Da história-narrativa à história-problema. In: FURET, François. *A oficina da história*. Lisboa, Gradiva, 1985, p. 85.

¹⁸ MARSON, Adalberto. Reflexões sobre o procedimento histórico. In: SILVA, Marcos A. da (Org.). *Repensando a história*. Rio de Janeiro: Marco Zero/ANPUH – Núcleo de São Paulo, 1984, p. 42.

¹⁹ BLOCH, *Apologia...*, *op. cit.*, p. 79.

²⁰ CAMARGO, Aspásia. O Historiador e a História: um relato de François Furet. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, 1988. p. 159.

²¹ FONSECA, Geraldo. *Domínios de pecuárias e enxadachins: História de Patos de Minas*. Belo Horizonte: Ingrabrás, 1974, p. 206.

O anticomunismo é, ainda, um termo de complicada conceituação teórica e política²² e tem sua ausência notada em alguns dicionários especializados. Todavia, enquanto tema de investigação historiográfica, nos últimos anos, recebeu uma maior atenção acadêmica, ainda incipiente perto da recepção proeminente do tema comunismo.

Bronislaw Baczko²³ afirma que os imaginários sociais podem ser definidos como um complexo resultante da atividade imaginativa dos homens em direção ao social. Já Pierre Ansart define como um conjunto coordenado de representações que tomam parte numa prática social que não é redutível aos elementos físicos e materiais investidos de uma integridade racional, ou seja, um conjunto coordenado de representações que tomam parte numa prática social que se realiza numa rede de sentidos, onde são fixados pela sociedade, simbolicamente, normas e valores. Assim, podemos afirmar que por imaginário entendemos o conjunto de imagens e relações de imagens produzidas pelos homens acerca de determinados aspectos da vida social.

Quando analisamos os trabalhos sobre o anticomunismo no Brasil, percebemos que o ponto comum entre eles se dá pelo fato de abordarem o problema anticomunista brasileiro na primeira metade da década de 1940, nas grandes cidades, principalmente nas grandes capitais. Análises essas muito bem embasadas em farta documentação e por critérios metodológicos perfeitamente argumentados e diferenciados. Não obstante, nossa proposta é entender a construção do imaginário anticomunista numa cidade do interior do Brasil, Patos de Minas – MG.

Destacamos o trabalho de Rodrigo Patto Sá Motta para compreendermos o anticomunismo no Brasil já que se trata de um dos principais sobre o tema. O problema da interpretação deste autor é priorizar a atuação das esquerdas revolucionárias, de modo que tais atores ocupam um lugar privilegiado em boa parte das análises, em detrimento das facções conservadoras.

²² O termo anticomunismo está presente nos seguintes dicionários: BOBBIO, Norberto *et al.* *Dicionário de Política*. v. 1 4. ed. Brasília: UnB, 1998 e SILVA, Francisco Carlos Teixeira da.; MEDEIROS, Sabrina Evangelista.; VIANNA, Alexander Martins. *Dicionário crítico do pensamento da direita*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2000.

²³ BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social*. In: LEACII, Edmund et all. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. Disponível em <http://www.scribd.com/doc/12853058/Bronislaw-Baczko-Imaginacao-Social>. Acessado em 25 de março 2010.

Assim como muitos trabalhos, a cronologia contemplada pelo autor se inicia com a Revolução Russa de 1917 até o golpe militar de 1964 no Brasil. Sobre isso, Motta destaca que:

embora o recorte cronológico não seja tomado como uma ‘camisa de força’ e as próprias fontes pesquisadas apontem para um universo temporal mais elástico, o enfoque está centrado essencialmente em dois períodos, 1935-1937 e 1961-1964. Trata-se, precisamente, dos contextos em que o anticomunismo se manifestou de maneira decisiva no Brasil, transformando-se em força política influente.²⁴

Inicia seu trabalho afirmando que “no Brasil, pode-se dizer, o anticomunismo surgiu logo após a Revolução de 1917. [...]. As representações anticomunistas elaboradas e divulgadas no Brasil a partir de 1917 refletem uma influência externa marcante”²⁵. A pertinência dessa reflexão está, sobretudo, afirmada por uma característica fundamental do anticomunismo: as profundas ligações dos planos nacional e internacional na construção de um imaginário de combate ao comunismo.

Por outro lado, Marcos Gonçalves afirma que essa revolução não teria exercido tanta influência, ou seja, pensamos numa relativização sobre sua importância evidenciando-a como alicerce do anticomunismo brasileiro. Afirma, ainda, que se tomarmos em consideração as afirmações de Astrojildo Pereira, fundador do PCB, nem mesmo os meios operários no Brasil tinham uma nítida percepção sobre a amplitude e o significado da Revolução Russa:

é certo que em muitas dessas publicações [da imprensa partidária] havia a suposição de que se tratava de uma revolução de tipo libertário, abrindo caminho ao anarquismo; mas isso resultava simplesmente da completa ignorância, reinante em nosso meio, acerca do partido de Lênin e Stálin e da posição realmente e conseqüentemente revolucionária que o mesmo sustentava, durante anos, nos quadros da Segunda Internacional.²⁶

²⁴ SÁ MOTTA, *Em guarda...*, *op. cit.*, p. 24.

²⁵ SÁ MOTTA, *Em guarda...*, *op. cit.*, p. 1.

²⁶ Astrojildo Pereira *apud* GONÇALVES, *Os arautos...*, *op. cit.*, p. 5.

No entanto, será que as idéias comunistas só poderiam “entrar” no país por meio de operários? O fato dos operários não saberem ao certo a importância da Revolução de Outubro não impediria que outros brasileiros, que tinham acesso às notícias sobre a Revolução²⁷, pudessem ser adeptos do comunismo.

Muitos autores afirmam que houve uma “má vontade da grande imprensa brasileira e estrangeira (burguesa) para tratar dos acontecimentos na Rússia”²⁸, como afirma Ana Paula Palamartchuk. Esta autora destaca ainda que a “propaganda” da Revolução Russa teria vindo por meio de jornais editados por vários nomes do movimento anarquista e comunista no Brasil, como o jornal semanal *Spartacus* que teve como colaborador Astrojildo Pereira:

nos 24 números consultados do jornal, encontram-se inúmeros artigos que fizeram referência positiva à “revolução russa”, ao “bolchevismo”, ao “comunismo” e ao “anarquismo”. Tais artigos, além de propagandarem os acontecimentos na Rússia, indicam a importância que seus editores e colaboradores davam a tais acontecimentos. Mais que isso, parecem ser dedicados à instrução dos operários.²⁹

Baczko nos fala que a instrumentalização de jornais como veículos produtores de símbolos anticomunistas foi um fator que estimulou os imaginários acerca do anticomunismo “como veículos potenciais de produção de sentidos, expectativas, esperanças, os meios de comunicação garantem a um único emissor a possibilidade de atingir simultaneamente uma audiência enorme, numa escala desconhecida”³⁰. Dessa forma, não podemos negar o papel desempenhado pela imprensa na criação da onda anticomunista, uma vez que os jornais ajudaram a criar o ambiente de pânico que floresceu no interior de alguns grupos sociais. Por um longo período, o público leitor foi bombardeado com informações sobre o caráter nefasto das atividades comunistas, processo que levou à cristalização de uma imagem maniqueísta do comunismo.

²⁷ PALAMARTCHUK, Ana Paula. *Os novos bárbaros: escritores e o comunismo no Brasil (1928-1948)*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, tese de doutorado, 2003. E também como destaca John Dulles: “Astrojildo Pereira percebia que ‘a imprensa burguesa apresentava as notícias caluniosamente, distorcendo os fatos, deturpando o significado dos acontecimentos revolucionários sobre o que se passava na Rússia’”. Ver DULLES, *Anarquistas...*, *op. cit.*, p. 63.

²⁸ PALAMARTCHUK, *Os novos bárbaros...*, *op. cit.*, p. 40.

²⁹ PALAMARTCHUK, *Os novos bárbaros...*, *op. cit.*, p. 40.

³⁰ BACZKO. *A imaginação social*, *op. cit.*, p. 313.

Em Patos de Minas, a imprensa destacava a Revolução Russa como determinante do “fantasma do comunismo”³¹ e mostrava-se preocupada com possíveis avanços do comunismo no Brasil pós-Revolução. Quais os interesses estavam por trás de tal “preocupação”? Segundo Ansart, toda

sociedade cria um conjunto coordenado de representações, um imaginário através do qual ela se reproduz e que designa em particular o grupo a ele próprio, distribui as identidades e os papéis, expressa as necessidades coletivas e os fins a alcançar. Tanto as sociedades sem escrita produzem esses imaginários sociais, esses sistemas de representações, através dos quais elas se autodesignam, fixam simbolicamente suas normas e valores.³²

São diversas as discussões sobre o início da preocupação com o comunismo no Brasil. Carla Luciana Silva procura recuperar uma anterioridade no imaginário anticomunista, operando uma crítica às interpretações que consideram o levante comunista de 1935 como a data de constituição do anticomunismo no Brasil.

Gonçalves denomina o período 1935-1937 como a primeira grande onda anticomunista balizada pelo levante de 1935, mas se preocupa em analisar o período de 1941-1947, afirmando se tratar de um momento de refreamento das manifestações anticomunistas. Portanto, não se preocupou em analisar em que medida o discurso anticomunista demonstrou capacidade de recrutar adeptos e/ou simpatizantes, ou ainda, suscitar aversão. A

preocupação foi identificar os dispositivos de representação do imaginário anticomunista, como ele se revestiu de simbologias, e o quanto estava diluído ou solidarizava o mesmo espaço com outras formulações do discurso político, em tempo e espaço definidos.³³

No entanto, será que para falar de um período de refreamento das manifestações anticomunistas o autor não deveria se preocupar em analisar, mesmo que de maneira mais

³¹ Essas mensagens emitidas pela imprensa transmitem sentimentos e interesses, mas: “a mensagem só influencia quando é transmitida, divulgada pelos meios de comunicação, cuja natureza, frequência, intensidade serão superdeterminantes na extensão ou limitação dos efeitos”. ANSART, *Ideologias...*, *op. cit.*, p. 84.

³² ANSART, *Ideologias...*, *op. cit.*, p. 21-22. Grifos do autor.

³³ GONÇALVES, *Os arautos...*, *op. cit.*, p. 6.

trivial, o período de efervescência destas? Ansart afirma que nos imaginários sociais existem períodos em que há certa calma, ao longo dos quais os sentimentos políticos se enfraquecem e tendem a desaparecer³⁴.

A maior parte dos trabalhos analisados destaca interesses internos e internacionais com profundas ligações na construção de um imaginário anticomunista, uma vez que o comunismo representava uma ameaça à dominação política e econômica, muitos afirmando que o comunismo atentava contra a liberdade e era autoritário.

Desse modo, quais argumentos eram utilizados na tentativa de forjar um imaginário anticomunista numa cidade de pequeno porte como Patos de Minas? Aproveitava-se dos sentimentos de medo, estranhamento do desconhecido da sociedade civil? Vale ressaltar que a bibliografia sobre Patos de Minas não destaca a existência de grupos comunistas nesta cidade.

São poucos os trabalhos que definem o anticomunismo como um elemento ideológico significativo e característico do período que analisamos, de modo que tratam o tema como um mero coadjuvante dos processos de implantação dos regimes autoritários. A meu ver, o problema dessas análises reside em não estabelecer uma relação articulada do sentimento anticomunista com as questões políticas e econômicas que permeavam os posicionamentos conservadores na época.

Motta discorre sobre a importância de analisar as representações e ações referentes ao anticomunismo no intuito de entender as políticas de combate ao comunismo, praticadas, sobretudo, pelas alas conservadoras:

nosso objetivo é estudar o anticomunismo tanto no aspecto de constituição de representações – principalmente ideário, imaginário e iconografia –, quanto das ações – estruturação de movimentos e organizações anticomunistas, perseguição aos comunistas e manipulação oportunista do anticomunismo.³⁵

³⁴ ANSART, *Ideologias...*, *op. cit.*, p. 156.

³⁵ SÁ MOTTA, *Em guarda...*, *op. cit.*, p. XXV.

Dada a disposição de recusa integral ao projeto revolucionário, as imagens dedicadas a representar o comunismo concentram-se em apontar aspectos negativos nas doutrinas e práticas comunistas. Vários eram os adjetivos utilizados para atribuir qualidades negativas aos comunistas, tais como “piratas”, “desvairados”, “paranóicos”, “degenerados”, “tresloucados”, “dementes”, “bárbaros”.

Motta destaca, ainda, as “matrizes ideológicas” que fomentaram o anticomunismo brasileiro: o catolicismo, o nacionalismo e o liberalismo.

É importante destacar como na história do anticomunismo brasileiro a religião e os religiosos desempenharam papel importante no que diz respeito à elaboração de representações sobre o inimigo e sua divulgação. Como afirma Renato Arruda de Rezende:

necessitávamos de um estudo aprofundado da Igreja Católica e seu poder sobre a nossa sociedade. Igreja esta que ajudou e muito a formar a consciência e difusão do medo ao comunismo, e também deveríamos estudar a classe média brasileira, e sua freqüente omissão, ou talvez alienação, em relação às muitas questões importantes no Brasil.

Como movimento de cunho nacionalista diante do contexto de transformações políticas e sociais, os integralistas também apostaram num ideal novo, num outro Estado, numa outra representação de classe, num outro sistema sindical e numa outra nação e merece destaque quando analisamos o combate ao comunismo no Brasil, uma vez que o jogo político da AIB – Ação Integralista Brasileira – foi de combate ao Comunismo. Beatriz de Miranda Brusantin analisa o movimento integralista no estado de São Paulo e destaca o anticomunismo como

uma indústria forte e realmente servia de causa para uma nova sociedade, para um novo governo e para uma nova política nacional. Todavia, não por simples ingenuidade, mas devido à cultura do “inimigo objetivo” construída

internacionalmente em cima do "perigo vermelho" que era utilizada tanto pela Igreja como pelo Integralismo.³⁶

Mais uma vez, quais os verdadeiros interesses dos integralistas na construção e disseminação deste imaginário?

Luiz Roberto Monzani afirma que partindo do princípio de que a “base natural da sociedade é a família e a propriedade”³⁷, os integralistas teriam conseguido conquistar adeptos³⁸, dentre eles a elite rural e a classe média alta, receosas de uma “ofensiva vermelha”. A preocupação dos integralistas era transformar as cidades em poderosos núcleos de resistência contra os perigos que lhes ameaçassem, congregando homens dispostos a tudo. Homens preparados doutrinariamente e fisicamente na defesa do Integralismo e que resumissem todas as aspirações legítimas do povo brasileiro.

A aversão ao comunismo estava presente em grande parte da sociedade brasileira, derivada mais do desconhecimento do que era realmente o comunismo, do que pelo conhecimento. Trata-se de uma aversão ao que é estranho, não familiar.

Pelo contrário, muito do medo e da aversão de grande parte da população brasileira ao comunismo vinha de mais tempo. Valendo lembrar que em 1935 os comunistas haviam tentado um golpe armado no Brasil. Mais longe iríamos para tentar entender a “mentalidade” das classes dominantes brasileiras, que demonstraram nesse período(1917-1940) uma grande aversão a qualquer tentativa de mudança social.

Portanto, o entendimento mais profundo desse período necessariamente passaria por um estudo muito mais complexo, abordando questões que pudessem explicar melhor as classes dominantes brasileiras, bem como os militantes e sua ascensão ao poder, num

³⁶ BRUSANTIN, Beatriz de Miranda. *Anauê paulista : um estudo sobre a prática política da primeira 'cidade integralista' do Estado de São Paulo (1932-1943)*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, dissertação de mestrado, 2004, p. 62.

³⁷ MONZANI, *Simbolos e bandeiras, op. cit.*, p. 548.

³⁸ Hêlgio Trindade afirma que o comunismo simbolizou um dos maiores motivos para a grande filiação a AIB. No entanto, o combate ao Comunismo é explicado por uma linguagem primária, procurando provocar o medo nos militantes e simpatizantes do Integralismo. TRINDADE, H. *Integralismo* (o fascismo brasileiro na década de 30). SP/RS, DIFEL, 1974.

processo que teria 29 de outubro de 1945 (no golpe que depôs Vargas) como um marco dessa escalada, que iria a se concretizar em 1964 com a ditadura militar.

É importante ressaltar, como destaca Ansart, que o imaginário anticomunista somente pode ser veiculado se estiver encoberto no acervo peculiar de uma sociedade suscetível à apreensão de seus significados. No entanto, pode-se utilizar a linguagem do medo, ou seja, utilizar quais argumentos forem necessários para convencer a sociedade de que o perigo estaria próximo e que deveria unir-se em busca da defesa do país. Essa linguagem foi utilizada, principalmente, em matérias jornalísticas que destacavam os efeitos da Revolução de 1917 como “invasão” à propriedade privada e deturpação dos direitos do homem, como o direito à liberdade, também, em defesa da democracia, da religião e da família, na tentativa de gerar ódio e repulsa aos comunistas:

o comunismo canalizava por meio de seus agentes, os estigmas da violência da destruição, da corrupção moral, da desordem e do caos. Suscitava no meio de uma coletividade, sentimentos de temor, ódio e repulsa, amalgamados aos mitos negativos e as reais vicissitudes e contradições enfrentadas pelas populações dos regimes comunistas, notadamente o soviético.³⁹

Gonçalves nos mostra como alguns “especialistas” se apoderavam de problemas e contradições do socialismo soviético destacando a inconsistência nas consciências de anticomunistas e de tantos outros. A preocupação, independentemente da forma era convocar a sociedade a “lutar” contra o comunismo, ou melhor, contra a “invasão” anticomunista.

O objetivo dos responsáveis pelas matérias que atacavam os comunistas era o engendramento de soluções que visavam angariar identidade de afetos e gerar ódios políticos. A sedução verbal do emissor admitia a capacidade de acionar os mecanismos simbólicos. Era a “condição de coerência para que a linguagem política repouse num sistema de fluidez e legitimação”⁴⁰.

³⁹ GONÇALVES, *Os arautos..., op. cit.*, p. 73

⁴⁰ GONÇALVES, *Os arautos..., op. cit.*, p. 78

A preocupação não era somente com o comunismo, uma vez que, em certas conjunturas, um imaginário hiperbólico ultrapassou, em muito, o resultado histórico do comunismo no país, servindo de pretexto para dissimular estratégias de dominação política, para empreender intensa repressão, bem como criminalizar a atividade pública por meio de ações que não atingiram somente comunistas⁴¹.

Outro fato que devemos considerar é o fechamento do Partido Comunista Brasileiro (1947) e o rompimento de relações com a União Soviética que não estavam ligados, em primeiro lugar, ao caráter ideológico da Guerra Fria e nem ao medo de invasão comunista no continente, mas demonstrava sim “a preocupação das elites brasileiras com a “subversão” e a instabilidade doméstica que poderiam ocorrer pelas idéias socialistas difundidas nas classes operárias brasileiras”⁴².

Por fim, o nosso interesse é entender em que medida o discurso anticomunista demonstrou capacidade de angariar adeptos, ou, inversamente, gerar repulsa, buscando compreender a recepção do anticomunismo pela sociedade civil de Patos de Minas. Contudo, devemos pensar o comunista em uma sociedade que censura o sujeito que é portador de outros valores, o “diferente”, um ser “estranho” ou de valores não convencionais a uma determinada sociedade.

⁴¹ GONÇALVES, *Os arautos...*, op. cit., p. 74

⁴² HAINES, apud GONÇALVES, *Os arautos...*, op. cit., 1989, p. 25

Patos de Minas: subversivos à vista?

O Brasil do início do século XX era ainda um país essencialmente agrário, com a grande maioria da população vivendo no campo. Em algumas cidades, ia se formando, aos poucos, um proletariado urbano, uma nova classe no cenário histórico brasileiro. Nas fábricas, trabalhavam homens, mulheres e crianças, muitos deles estrangeiros – portugueses, italianos, espanhóis, entre outros. Enfrentavam duras e extensas jornadas de trabalho em fábricas insalubres. No campo, recebiam salários muito baixos, ilustrando, assim, o quadro de superexploração.

O modelo econômico brasileiro, na Primeira República, era o agroexportador gerando cada vez mais problemas para o país, devido à desvalorização da principal cultura, o café. Esse modelo tinha como consequência a preeminência social e política de uma elite agrária que dominava, no sentido mais estrito do termo, a sociedade, principalmente, em cidades pequenas da região sudeste do Brasil. Luiz Roberto Monzani nos dá uma visão do quadro político e econômico brasileiro deste período:

se tentarmos formar um quadro sintético sobre o conjunto dos fatores econômicos, políticos e ideológicos que caracterizam a emergência e o desenrolar da Primeira República, obteremos algo da seguinte envergadura: aquilo que se assiste é um país *frequentemente sacudido por levantes e revoltas* [...]. Um país dilacerado por convulsões internas, onde impera ainda um modelo agroexportador (com o predomínio do café) [...]. Assistimos também aos desenvolvimentos iniciais da indústria [...]. O lucro passa a ser o fim explícito das atividades do sujeito.⁴³ (grifo meu)

O autor nos mostra, ainda, como a dominação política manipulava, até mesmo, os partidos políticos, que eram estritamente regionais, visto que o Estado brasileiro, na Primeira República, era oligárquico e manipulava sistematicamente o processo eleitoral em todas as suas etapas, do coronelismo local ao arranjo de poderes no plano federal.

⁴³ MONZANI, Luiz. Símbolos e bandeiras. In: NOVAES, Adauto. *A crise da razão*. São Paulo: Companhia das Letras; Brasília, DF: Ministério da Cultura; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, 1996, p. 541.

Notícias sobre a Revolução Russa de outubro de 1917 – considerada na época uma revolução socialista vitoriosa – correm o mundo. Desde outubro deste ano, a nação russa separou-se do resto do mundo, social e economicamente.

É importante destacar que o movimento socialista russo teve início por volta de 1880. Max Beer⁴⁴ afirma que a luta contra o absolutismo czarista começou logo depois do fim das guerras napoleônicas, sendo que o ponto culminante dessa luta foi a insurreição dos decabristas em 1826, dirigida por Pestel e Ryleiv. No entanto, foi em meados de 1870 que Bakunin, que substituíra Herzen na redação da *Revista Kolokol* (“O Sino”) – fundada em Londres, em 1857, adentrou clandestinamente na Rússia – ajudou a penetrar as idéias da Primeira Internacional nos meios estudantis da Rússia. Nesse mesmo período, instalaram-se grandes greves em São Petesburgo e os intelectuais socialistas voltaram-se para a conquista do proletariado.

Beer afirma que alguns socialistas julgavam que a Rússia chegaria “ao socialismo sem passar pela fase da industrialização e das lutas operárias”⁴⁵. Denominados “socialistas agrários” acreditavam que os “camponeses possuíam sentimentos socialistas inatos”⁴⁶. No entanto, a propaganda feita junto aos camponeses não dava quase nenhum resultado, enquanto a que se fazia nos meios operários deu origem a organizações clandestinas que receberam a feição de socialista-marxista.

Após a Revolução de 1917, a Rússia czarista passou a se chamar União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS. Seu regime econômico deixou de ser o capitalismo liberal para seguir a forma de planificação coletivista⁴⁷, inspirada pela filosofia de Karl Marx. Para Trotskii, o regime criado pelos bolcheviques foi

⁴⁴ BEER, Max. *História do socialismo e das lutas sociais: da antiguidade aos tempos modernos*. Prefácio de Marcel Olliver. Trad. de H. Mello. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1968.

⁴⁵ BEER, Max. *História do socialismo e das lutas sociais*. *op. cit.* p. 582.

⁴⁶ BEER, Max. *História do socialismo e das lutas sociais*. *op. cit.* p. 582

⁴⁷ No entanto, alguns autores têm posições diferentes no que tange a União Soviética ter sido ou não socialista, como, por exemplo: Noberto Bobbio, João Baptista Pereira dos Santos O.P., dentre outros. Ver BOBIO, Noberto. *As ideologias e o poder em crise, pluralismo, democracia, socialismo, comunismo, terceira via e terceira força*. Trad. João Ferreira. 3. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994. SANTOS O.P., João Baptista dos. *Os chifres do diabo: capitalismo – comunismo*. São Paulo: Livraria Sal, 1964.

A URSS é uma sociedade intermediária entre o capitalismo e o socialismo, na qual: a) as forças produtivas são ainda insuficientes para dar um caráter socialista à propriedade do Estado; b) tendência à acumulação primitiva, nascida da escassez, manifesta-se em inumeráveis poros da economia planificada; c) normas de repartição que preservam o caráter burguês estabelecem bases da nova diferenciação da sociedade; d) o crescimento econômico, enquanto melhora vagarosamente a situação dos trabalhadores, promove uma formação rápida de estratos privilegiados; [...] f) traída pelo partido dominante, a revolução social ainda existe nas relações de propriedade e na consciência das massas trabalhadoras; g) um desenvolvimento das contradições acumuladas pode tanto levar ao socialismo como ao capitalismo [...]⁴⁸

Nas grandes cidades brasileiras, localizavam-se aglomerados, tanto anarquistas, quanto comunistas. Em folhetins, as notícias sobre a revolução de outubro se espalhavam de maneira rápida, ou em artigos e editoriais, exaltando seu caráter supostamente libertário, contrapondo-se diretamente ao capitalismo, ao liberalismo. Dessa forma, foi se criando um clima de euforia revolucionária. Estaria o capitalismo com os dias contados? A humanidade caminhava para ao socialismo?

As notícias sobre os bolcheviques no poder logo chegam ao Brasil e começam a incendiar a imaginação dos militantes anarquistas e comunistas no movimento operário e sindical que buscava combater, desde o século XIX, os avanços desmedidos do capitalismo.

Essas notícias preocuparam também os políticos, latifundiários e, até mesmo, a Igreja. Mesmo em cidades pequenas como Patos de Minas, observamos, já em 1919, nas matérias jornalísticas, a representação do comunismo como uma ameaça estrangeira, guardando relação de proximidade com os temas “doença” e “infiltração”: seria um corpo estranho infiltrado no Brasil por agentes estrangeiros colocando em risco a integridade da nação.

Antes de discorrer sobre o anticomunismo em Patos de Minas é importante falar um pouco sobre a cidade. Segundo Oliveira Mello, o processo de povoamento se deu a partir da metade do século XVIII. A construção de uma cidade foi importante por se tratar do primeiro caminho oficial aberto das Minas Gerais ao território de Goiás e também por ficar às margens das fontes de águas do caminho de São João del-Rei a Paracatu em busca de ouro. Foram

⁴⁸ TROTSKII apud SEGRILLO, Angelo. *O declínio da URSS: um estudo das causas*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 107.

doadas terras ao povoado de Santo Antônio em 1826, para construção de um templo e para acomodar os povos, por parte de Antônio Joaquim da Silva Guerra e de sua mulher Luísa Correia de Andrade, criando assim, o Arraial de Santo Antônio da Beira do Paranaíba. A criação da vila ocorreu em 1866 e a instalação em 1868. Em 1892, o presidente do estado de Minas Gerais eleva a vila à categoria de cidade de Patos de Minas.

Analisando o imaginário anticomunista numa cidade que no período compreendido (1917 – 1940) tinha aproximadamente 60 mil habitantes⁴⁹ devemos refletir: por que o comunismo oferecia tanto perigo? Quais interesses estavam por trás da construção de um imaginário anticomunista? Quais artefatos foram utilizados para disseminar medo na sociedade? Qual a importância das fontes jornalísticas na edificação desse imaginário? Carla Rodeghero observou que:

apesar de várias pesquisas históricas sobre anticomunismo terem utilizado a imprensa como fonte, parece que ainda há espaço – e necessidade – de estudos que enfoquem os grandes jornais enquanto empresas que, assumindo posições liberais ou conservadoras, tinham interesse em se colocar contra o comunismo ou aquilo que era identificado com ele⁵⁰.

Assim, devemos nos preocupar em entender o que os jornalistas, os políticos e a sociedade entendiam por comunismo, principalmente, os que escreviam as matérias jornalísticas. Analisando os jornais patenses do período compreendido por esta pesquisa, percebemos que os autores das matérias, bem como os proprietários dos jornais, eram pessoas das elites: políticos, latifundiários, religiosos – membros da Igreja Católica – e, principalmente, médicos. Dois jornais dedicavam grandes manchetes e extensas matérias ao comunismo.

É complicado afirmar o que essas pessoas entendiam por comunismo. No entanto, disseminavam conceitos sobre o comunismo que os interessavam. Em matéria de 1919, o

⁴⁹ Censo demográfico início do século XX. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/vamoscontar/>. Acesso em 1º de junho de 2010.

⁵⁰ RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Passo Fundo: Ediupf, 1998. _____. *Memórias e avaliações: norte-americanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945 e 1964*. Porto Alegre, UFRGS, Doutorado em História (Tese), 2002, p. 25.

jornal *O Federalista* divulgou texto sobre o que seria o comunismo, sempre fazendo apelo à sociedade na “defesa” da pátria, da sociedade, da moral, da família e da propriedade privada, associando, também, o comunismo ao anarquismo:

Vai sob o prestígio da alta imprensa e da delegacia geral o comunicado, que ora recorto d’*A União*”, excarnando em toda a sua hedionda nudez o programma do partido anarchista que, em São Paulo e no Rio pretende fazer as suas “desovas”, abusando da nossa deficiente organização policial. Abramos nos os olhos, amantes do Brazil – país de família, si não queremos ver afundar-se em sangue a nossa patria ao tripudiar selvagem desocupados, vagabundos que nada têm a perder, mas por unico cabedal as armas da sedução, a serviço d’alguns momentos de orgia. Eil-o: “S. Paulo O dr Thirso Martins, delegado geral, comunicou à imprensa da capital estar a policia attenta à acção de certos individuos que pretendem fundar neste Estado um Partido Communista Anarchico. Segundo documentos dos agitadores, figuram no programma do partido a suppressão do Estado e suas instituições, do exercito, da policia, da magistratura, do parlamento, do senado e a abolição total de leis, estabelecendo a união livre e a suspensão da propriedade privada. Acrescenta o delegado geral que esses individuos andam distribuindo boletins subversivos incitando o povo à desordem e tentando implantar a indisciplina no seio da força publica, pregando até o assassinato”. E que tal?!... Ahi está, elevado ao maior requinte o absurdo e perversidade apropiada de quantas quadrilhas tem abortado na terra o mundo subterraneo. E vamos dormir... de Jesus.⁵¹

Assim, nos perguntamos: quem lia essas matérias? Os jornais em Patos de Minas eram impressos e entregues nas casas dos moradores da cidade. Functionava, mais ou menos, da seguinte maneira: se o morador não devolvesse o jornal, significava que iria assiná-lo. No entanto, eram poucos os que assinavam, mas não podemos afirmar que isso justificava o fechamento de determinados jornais. Os donos desses jornais abriam por pouco tempo, depois outros jornais com nomes diferentes, mas nem sempre os colonistas continuavam os mesmos.

1. A URSS: “paraíso socialista”?

⁵¹ *O que é communismo*. O FEDERALISTA, 11 de set. de 1919, n. 33.

Observamos a recorrência nos jornais patenses da divulgação, talvez exacerbada, da realidade vivida na URSS e nos outros países socialistas Assim, na ânsia de criar aversão ao comunismo “foi travada uma verdadeira batalha em torno das representações relacionadas à ‘pátria do socialismo’”⁵².

O actual momento internacional, por mais optimista que sejam as noticias oriundas dos paizes, sobretudo, aliados, é de *summa gravidade* – não há como negal-o. Sente-se positivamente que agitação irresistivel determina, na sociedade internacional, uma instabilidade ameaçadora, que bem pode, repentinamente, degenerar em multiplos movimentos subversivos, com carater puramente de ordem social, e, portanto, de aspecto muito mais grave, que a crise puramente guerreira, que tem sempre uma expressão politica. O prurido das idéas socialistas e anarchistas produz um mal estar universal, pela impotencia manifesta dos governos de se anteporem, com força propria, à reacção dessa transformação social, operada pelo trabalhar incessante das seitas socialistas. A questão operaria desapareceu. A grande preocupação dos Estados modernos é o poder socialista. Tal affirmação é um facto. O poder políticos dos Estados esteia-se hoje no apoio que lhes dispensam os grandes syndicatos, as corporações socialistas. Os grandes estadistas da actualidade o são, porque ciumentaram a sua popularidade e prestigio, hypothecando preliminarmente a sua fé ao credo socialista, mas a execução de taes systemas apresenta, no dominio concreto dos factos sociaes, singularidades notaveis. Assim, entre outros, o poder socialista não é, nem mais nem menos, na pratica, que uma substituição do poder capitalista, com maiores inconvenientes. O açodo do mando, a intemperança do poder, as ideas reaccionarias, revolucionam, sem melhorar, infelizmente, as condições da existencia humana. Cremos que só um socialismo poderá estancar a sêde reformista dos systemas que modernamente difficultam a marcha ascensional dos povos civilisados para o verdadeiro ideal de Progresso – o socialismo chistão. – sem principios christãos não pode haver perfeita ordem social. Nem tudo o que promettem os socialistas anti-christãos, satisfaz absolutamente o coração humano. – Outros ideaes ingênitos acoroçoam-nos a alma, que se torna inquieta, emquanto não repisa nas verdadeiras baeses Moraes de suas aspirações. Não só de pão vive o homem – e sempre que se pregar o contrario dessa verdade admirável à humanidade – vel-a-hemos comer o pão, que lhe offerecem, tinto do proprio sangue. A verdade historica é uma só, porque o homem, em sua natureza íntima, é o mesmo em todas as epocas sociaes. E não é excessiva loucura tentar a contraprova de experiencias comprovadas, quando é altamente funesto para a humanidade essa incomprehensivel cegueira moral? A verdade é uma só.⁵³ (grifo meu)

⁵² GONÇALVES, *Os arautos...*, op. cit., p. 69.

⁵³ *O Momento Internacional*. O FEDERALISTA, 27 de julho de 1919.

A matéria nos mostra o que Gonçalves denomina “xenofobia anticomunista”, uma vez que “apontava-se no ideário comunista um mero pretexto, que serviria para encobrir o interesse de potências estrangeira em dominar o Brasil”⁵⁴. Uma preocupação com uma possível conquista do mundo pelos comunistas.

Os anticomunistas patenses investiram pesado em mostrar, ao contrário das promessas de igualdade e melhoria das condições de vida dos trabalhadores, o regime bolchevista oferecia, concretamente, miséria e exploração:

Do Largo
Patto

Em suma, além de ser ditatorial, ateu, imoral, assassino e diabólico o comunismo também traria miséria e exploração aos infelizes povos que caíram sob suas garras. Longe das utopias generosas com que se apresentaria para enganar os ingênuos, a realidade nos países comunistas estaria mais para inferno que para paraíso.⁵⁵

A intenção era criar uma aversão ao comunismo, deturpando as condições de vida a que estava submetida a população russa. A revolução era representada como sinônimo de destruição dos valores tradicionais e implicaria a ascensão ao poder de indivíduos degradados moralmente. Ao mesmo tempo em que demonstravam preocupação com a “invasão” do comunismo, destacavam que o Brasil estava protegido dos subversivos.

4

O telégrafo e o rádio, diariamente nos contam os horrores que se verifica na Espanha; Ali, uma pequena parcela do seu povo, impregnados da infeliz Rússia, teve a dita de empunhar as rédeas do seu governo e pretendeu, impor ao nobre povo espanhol, o seu credo infernal.⁵⁶

Notícias da presença de comunistas em movimentos operários no Brasil também preocupavam os anticomunistas patenses. A participação e organização de greves operárias são destacadas por John W. F. Dulles⁵⁷.

⁵⁴ GONÇALVES, *Os arautos...*, op. cit., p. 55.

⁵⁵ SÁ MOTTA, *Em guarda...*, op. cit., p. 75

⁵⁶ *Fantasma do comunismo*. FOLHA DE PATOS, 15 de agost. de 1936, n. 3.

⁵⁷ DULLES, John W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil, 1900-1935*, trad. César Parreiras Horta. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

Além disso, o ineditismo da Revolução Russa criou enormes expectativas em torno de sua internacionalização, cada vez mais vista como uma necessidade. Essa possível internacionalização aparece nos jornais de Patos de Minas que enfatizam, em diversas matérias, a preocupação com a influência do comunismo no movimento operário mineiro e porque não, patense

Quem diria? Quem ousaria pensar que a governança de Minas, sem se saber porque, remetteu-nos “força (grata novitale...) importantissima força...” Para que? Ignoramos por hora. Não nos abalançamos a uma entrevista com o chefe da milícia. Mas, segundo consta, o contingente que aqui estaciona actualmente, veio abafar “o grande” “o terrível” movimento operario!Gloria, pois, aos operarios, gloria à força de um protesto operario, que conseguiu “mover” céos e terras e abalar um “contingente” de praças da força publica, que aqui está para ensinar aos operarios, que o protesto que fizeram, usando de um direito, é um crime de lesa-magestade, cuja hediondez ultrapassa quanta barbaridade existir possa de crimes, que aqui se deram, e que, por falta de força, os auctores de uns permanecem impunes, enquanto que outros, rodeia-os a magestade impenetravel do MYSTERIO!Mas, será só por isso, devido a isso, que o governo do Estado mandou “força”?Se foi só para isso, é uma pura ostentação bem dispensavel, porque todo mundo sabe que o movimento, que o protesto ou cousa que o valha, só constituiu perigo ou ameaça seriisima àquelles que estão habituados a combater, de espada em punho, phantasmas no ar!⁵⁸ (grifo meu)

Os anticomunistas patenses tinham com o que se preocupar em relação a essa influência comunista no operariado da cidade? É fato que as matérias demonstravam certa apreensão em relação ao movimento operário, utilizado-se de recursos como “o grande”, “o terrível movimento operario”.

Não, o que o governo de Minas precisa á aprender com os governos dos Estados do Rio Grande do Sul, e de São Paulo a fazer respeitar a Justiça, como Ella merece. Em outro local desta folha pôde-se ler o acto enérgico do honesto governo do Snr. Borges de Medeiros que mandou prender o mais rico (como a Justiça sofre tambem a influencia das latitudes!...) estancieiro sul-rio-grandense por ser criminoso de morte, sem outra contemplação que os interesses da Justiça. E tambem podera ler nesta mesma folha, como é que o governo de S. Paulo desaffronta os brios ultrajados da sua policia, pelo assassinio de um anspeçada dois infelizes soldados são assassinados...estupidamente a menos de seis legoas desta cidade, sem que o governo se dignasse de meditar um instante, sobre o horror e a vergonha

⁵⁸ *Acção Social Catholica*, O FEDERALISTA, 19 de out. de 1919, n. 38.

dessa tragédia cannibalesca, para tomar uma providencia de verdade! Foi preciso que uns pobres fizessem um protesto inoffensivo, como attestam as “tremenda consequencias” do vezerio revolucionario do pavoroso Jupiter Tonante, que é representado pelos milhões de operarios desta cidade, para que o governo acudisse pressoroso e enviasse a “força”...que viria pôr ponto final aos massacres, às depredações dos nossos operarios!!!Deante disso, estamos até crer que está tudo errado o telegramma de 26 de Outubro, p.p., enviando para os jornaes do Rio, de estar o 57º de caçadores, estacionando em Juiz de Fora, de promptidão, afim de seguir para Uberaba...Qual o que! Há engano...Em Uberaba, ha ligeiras tendencias separatistas: isso não vale nada. O 57º de caçadores, estava de promptidão evidentemente para seguir Patos, onde um “horroroso movimento operario” aboliria todas as garantias, matará, saqueará, depredará, enfim, uma hecatombe...Oh! Velho Horacio, porque não resurges para dizer-nos tambem com a tua imperturbavel gravidade romana:Risim teneatis,amici?...⁵⁹

No ano 1919, foram publicadas diversas matérias sobre a influência do comunismo no operariado, na edição do jornal *O Federalista* de 06 de março de 1919, foi publicada um texto sobre as condições de vida e exploração no trabalho a que estavam submetidos os operários e suas famílias:

Alta noite. Contemplo, ao longe, o céu distante, recamando de estrellas e cheio de tudo que é infinito e grandioso. Dormem, na terra, os soffrimentos, pelo menos aparentemente, porque lá dentro de algum lar é possível que alguma creancinha chore, obrigando a longas vigílias a alguém que só é ternura, dedicação e amor... É possível que a mãe, toda carinho e abnegação esteja a perder a vida, dispendendo-a em sacrificios, mas satisfeita em ver gosar o filho. No calabouço, dorme, talvez, um somno interrompido o homicida, pois que sua consciencia pode desperta-lhe o espectro de quem já não vive, mas que lhe mostra sempre, sinistramente, a orphandade e a viuvez alli muito perto... na choupana humilde, onde o pae bondoso entrava sorridente, todos os dias, pela tardinha fresca e sahia pela manha, a hora em que o gallo canta. Nas grandes cidades industriaes, lá pelos subúrbios, dormem os operarios humildes, cansados da labuta diaria, cansados de viverem assim, continuamente, explorados pelo patrão archimillionario, mas cheios, talvez, de esperanza, porque um dia...e quem sabe? o socialismo poderá triumphar, universalmente, com energia, desassombro e acção. Sim, triumphará? Em uma epoca não mui distante todos os paizes do mundo possuirão leis que regularizem, de um modo justo e humano, as horas de trabalho, e estabeleçam salarios proporcionaes aos que já vivem morrendo na labuta interminavel e insana. Nas fabricas e nos trapiches não mais se verão creanças macilentas, esqueléticas, perdendo a mocidade e a vida para ganharem com suor de sangue, aquillo que o filho do industrial consome em minutos num passeio de automovel ou carro, para não entraqecer as pernas

⁵⁹ *Chegou a Força*, O FEDERALISTA, 2 de nov. de 1919, n. 40.

ou cançar os braços, revestidos de seda e com pulseira de ouro. Mas é possível, de facto... É possível, antes, um socialismo que tenha raízes fundamente implantadas no Christinismo, ou melhor, na religião que representa a sua formula mais perfeita: o Catholicismo. O Catholicismo, como diz Lucio dos Santos, não condemna a riqueza obtida pelo trabalho honesto e bem applicado. Ensina aos pobres a paciência e a resignação, aos ricos a misericórdia e a caridade” “Ensina aos homes a conhecerem a comprehenderem melhor os seus interesses espirituaes que são a ponte principal da desunião e da discórdia”. Fechemos aqui o parenthesis sobre o socialismo, pois que não é em poucos traços que se poderá discorrer sobre assumpto de tão alta monta. [...] O homem, avido de conhecer a Certeza cahe às vezes num scepticismo morbido, ou se revolve no charco estagnado de um materialismo esteril. A consciencia agita-se doudamente, desvairadamente e então, só se satisfaz quando procura a consolação suprema da fé.⁶⁰

Devidamente assinada por um médico, Dr. Doutor Dolor Borges, membro de uma das duas famílias mais influentes da cidade no período, a matéria demonstra preocupação com os operários e suas famílias e, o mais interessante, é que faz comparações das condições de vida desses operários e do “patrão archimillionario”. Explana ainda sobre as condições de trabalho, de exploração ressaltando os baixos salários.

Nessa mesma edição, soltas ao longo do jornal, frases de Lênin(Lenine). Uma delas sobre os bolchevistas:

“Mais perguntas pode fazer um tolo num minuto do que respostas avisadas lhe podem dar num dia inteiro dez homens de juízo” (Lenine)

“Em cada cem dos meus correligionarios ha quarenta canalhas, cinquenta e nove idiotas e apenas um verdadeiro bolchevista.” (Lenine)⁶¹

Um dos objetivos desta pesquisa era analisar uma possível supressão das vozes dissonantes que teriam sido caladas ou que caíram no esquecimento na cidade. No entanto, não tive contato com outras matérias ou textos que fizessem críticas ao sistema capitalista no início do século XX.

⁶⁰ *Sugestões do Silêncio*. O FEDERALISTA, 06 de março de 1919.

⁶¹ O FEDERALISTA, 23 de março de 1919.

No período compreendido pela pesquisa, dentre os jornais pesquisados, essa edição foi a única com texto que criticava o sistema vigente. Dessa forma, fica complicado analisar se houve “apagamento” da história dos comunistas nesta cidade pela história oficial.

2. Os anos 1930: a efervescência do medo

O sistema oligárquico foi a base política da Primeira República até 1930. O poder na presidência da República era revezado entre as oligarquias paulista e mineira. Na década de 1920, essa longa preeminência começou a ser contestada por outros grupos oligárquicos, descontentes com o afastamento das decisões políticas do governo. Nas eleições presidenciais de 1922, esses grupos lançaram o nome de Nilo Peçanha contra o candidato apoiado pelas oligarquias mineira e paulista, Arthur Bernardes. A derrota da oposição abriu caminho para uma crise militar que deu origem ao movimento tenentista.

Às vésperas das eleições presidenciais de 1930, uma nova frente de estados oposicionistas se formou, agora com apoio da oligarquia mineira e lançou a candidatura de Getúlio Vargas. A derrota do candidato da oposição e a aliança dos derrotados com os “tenentes” acabaram conduzindo à “Revolução de 1930”.

Com a eleição indireta de Getúlio Vargas para o cargo de presidente da República pela Assembléia Nacional Constituinte em 1934 terminou o período de governo arbitrário, iniciado em novembro de 1930. No entanto, o novo governo constitucional não foi tranquilo. O movimento social se tornou cada vez mais efervescente. Greves operárias e manifestações da classe média surgiram em diversos estados do país e, gradativamente, a atividade política foi se radicalizando.

A participação de comunistas em manifestações de ruas se arrastou por anos, principalmente no período de 1930-1937, o que desencadeou a aprovação de uma série de medidas repressivas por parte do governo e uma intensa reação da polícia política (Delegacia Especial de Segurança Política e Social - DESPS), criada em 10 de janeiro de 1933, com o objetivo de coibir comportamentos políticos divergentes, considerados capazes de comprometer “a ordem e a segurança pública”. Portanto, o governo não abria espaço para o

êxito das estratégias comunistas, já que, para muitos, o comunismo podia representar uma ameaça à dominação política e econômica.

A proclamação anticomunista de Vargas em 1936, mais o estabelecimento do Estado Novo em 1937 e as matérias jornalísticas que exaltavam o chefe autoritário em 1941 levaram à concretização das medidas políticas e policiais que enfraqueceram a direção e a militância do Partido Comunista.

As matérias jornalísticas patenses exaltavam Vargas por ter vencido dois inimigos potenciais do regime na luta contra o Estado emergido do golpe de novembro de 1937: comunistas e liberais⁶². É fato que o combate ao comunismo foi uma das principais bandeiras do governo Vargas, como delineou em seu texto *A nova política do Brasil*.

O pânico comunista emergente na sequência aos acontecimentos de novembro de 1935 foi motivado, em primeiro lugar, pelo desejo de reprimir o comunismo:

O Tribunal de Segurança Nacional que ontem iniciou o julgamento dos comunistas que tentaram subverter a forma de governo do país, com o levante de novembro de 1935, após prolongadas horas de estudos sobre as várias acusações, veio terminar hoje, os seus trabalhos, com a condenação a várias penas de prisão celular, todos os elementos envolvidos em *tão degradante movimento*, que visava entregar o Brasil à discriminação de Moscow.⁶³ (grifo meu)

A utilização de termos como “subverter” reforçam a preocupação em convencer a sociedade da necessidade de refutar e dar combate ao comunismo. É importante destacar que a Intentona Comunista teve importância marcante na história do anticomunismo brasileiro, uma vez que forneceu argumentos para consolidar as representações do comunismo como fenômeno fundamentalmente negativo.

Percebemos, no trecho “tão degradante movimento”, a preocupação com a caracterização do movimento como “capítulo negro⁶⁴” da história brasileira, ainda que

⁶² GONÇALVES, *Os arautos...*, op. cit., p. 25

⁶³ *Última Hora - Condenados todos os comunistas do levante de 27 de novembro de 1937*. FOLHA DE PATOS, 1º de maio de 1937.

⁶⁴ SÁ MOTTA, *Em guarda...*, op. cit., 75

ressalte que “o termo não foi cunhado especialmente para a ocasião, ele já fazia parte do vocabulário político brasileiro”⁶⁵.

Segundo Gonçalves,

podemos referir que o anticomunismo aperfeiçoou seu núcleo de representações e projetou-se como espetáculo cívico. O desdobramento da “intentona” de 1935 configurou-se pela invenção de um dos temas mais potentes do imaginário anticomunista e repasto da mitologia da conspiração, com a sua elevação a drama político-ritual: a homenagem anual aos soldados mortos pelo comunismo⁶⁶.

Não podemos deixar de destacar a Intentona como um ato basicamente militar. Questões internas à corporação também contribuíram para aproximar os militares às posições de esquerda.

Parte da imprensa, ainda no período posterior ao levante, no qual as informações ainda eram confusas, preferiu chamar o levante de “extremista”. Houve diversas manifestações da imprensa exigindo dureza na punição aos rebeldes.

A imprensa, por sua ação, ao mesmo passo em que apoiou os esforços repressivos do governo, convencendo o público sobre a seriedade do quadro, pressionou-o a não esmorecer na luta anticomunista. Em jornais de Patos de Minas, notamos a preocupação em representar esse movimento como tentativa de consolidação das características maléficas atribuídas aos comunistas. No entanto, a preocupação era enfatizar que o Estado estava aparelhado para reprimir qualquer tentativa subversiva.

Patto destaca que não podemos

considerar fantasiosas as versões conservadoras que qualificaram (e denunciaram) o episódio como tentativa comunista de assalto ao poder, o que se pode questionar é o conteúdo das representações anticomunistas

⁶⁵ SÁ MOTTA, *Em guarda...*, op. cit., 75

⁶⁶ GONÇALVES, Marcos. *Para nunca mais esquecer: elementos do mito da conspiração no imaginário anticomunista brasileiro*. Disponível em www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol1n4/elementosdomito.htm, Acesso 25/05/2010.

construídas sobre o evento, elaborados no intuito de transformá-lo em “mácula sangrenta”⁶⁷

Alguns autores afirmam que a partir do final de 1936 é visível a redução da ansiedade em torno do levante, uma vez que houve uma percepção do sucesso alcançado no que concerne à repressão aos comunistas. Outros temas começaram a ocupar as atenções, como a corrida presidencial. Em algumas matérias dos jornais patenses, percebemos a preocupação com o esfriamento da campanha anticomunista.

O processo – problemas sociais, manifestações, greves, etc – culminou em 1937 com o golpe do Estado Novo, dado pelo próprio presidente Vargas, que implantou no país um regime ditatorial. A implantação da ditadura varguista transformou o anticomunismo num dos pilares de sustentação ideológica do Estado: “pode-se dizer que a afirmação do novo regime coincidiu com a consolidação do imaginário anticomunista na estrutura social brasileira, notadamente entre as classes médias e superiores”⁶⁸.

Para Gonçalves, a exacerbação do anticomunismo nos anos 1930 também deveu-se ao reordenamento político radical pelo qual passaram alguns Estados, após a aguda crise que começou a se manifestar nas democracias liberais ao longo dos anos 1920.

|| 3. A edificação do medo: elementos da conspiração anticomunista

São diversos os elementos do mito da conspiração no imaginário anticomunista bastante utilizado pelos anticomunistas. Gonçalves afirma que o imaginário anticomunista se reveste de certa autonomia. Assim “quais as referências contidas no anticomunismo como eficazes e garantes de sua subsistência?”⁶⁹. Pode-se dizer que o grosso das representações anticomunistas concentrava-se em torno de quatro temas principais: moral, ateísmo, violência e condições sociais.

⁶⁷ SÁ MOTTA, *Em guarda...., op. cit.*, 41

⁶⁸ SÁ MOTTA, *Em guarda...., op. cit.*, p. 41

⁶⁹ GONÇALVES, *Os arautos...., op. cit.*, p. 6.

Outro tema sempre presente no discurso anticomunista era a preocupação com a propriedade privada. É interessante observar que, ao longo da história do anticomunismo brasileiro, as manifestações em defesa simplesmente da propriedade foram muito comuns.

Os comunistas, de início, assaltaram a propriedade particular e os estabelecimentos religiosos, canalizando para si as fortunas por ambos acumulados – é objetivo, é a finalidade dos homens adeptos de Moscow! A fortuna publica, está sendo desbaratada.⁷⁰

Como destaca Patto, a questão da propriedade privada preocupava mais os grandes proprietários, como em Patos de Minas. O apelo sempre voltava-se à discussão sobre a liberdade como direito, ou melhor, à propriedade privada como direito de qualquer cidadão livre. Assim, pode-se afirmar que a propriedade era um valor mais querido que a democracia.

Esses temas eram sempre comuns também quando se associava o comunismo à enfermidade, sempre considerando a idéia de infiltração, considerando que os comunistas seriam um grupo dedicado a infiltrar-se nos organismos sociais, debilitando-os internamente.

Na imaginação anticomunista, ao desafiar as instituições e hierarquias, o comunismo acabava apresentando uma possibilidade de implantação de uma ordem inversa: contrária aos valores da cultura política tradicional. Ainda, por ser mediante a sua doutrina internacionalista, a idéia comunista depunha, também, “contra os imperativos da nacionalidade e de uma totalidade depreensível”⁷¹.

Em alguns jornais de Patos de Minas, encontramos visões bastante extremadas que consideravam o comunismo um retorno à barbárie, enfatizando que iria de encontro aos valores fundamentais da civilização. O comunismo significava um desafio à sobrevivência da própria sociedade civilizada, ameaçada em seus fundamentos por estes “bárbaros” do mundo contemporâneo.

⁷⁰ *Fantasma do comunismo*: O desfecho que tiver a revolução na Espanha decidirá da sorte dos povos – A união de todos os brasileiros para impedir o perecimento da Nação Brasileira. FOLHA DE PATOS, 15 de agost. de 1936, n. 3.

⁷¹ GONÇALVES, *Os arautos...*, op. cit., p. 73.

E, isso será difícil? De modo algum. Basta apenas que deixemos para um lado as paixões exacerbadas, as ambições desmedidas das posições e nos congreguemos em torno do Poder Constituído, prestigiando-o incondicionalmente, deixando a cargo glorioso Exército Nacional, a defesa das nossas instituições – a Família e a Religião.⁷²

A conservação da família, a preservação da moral sexual e da estrutura familiar eram constantes nas matérias dos jornais de Patos de Minas.

A violência apresentava-se com a caracterização do comunismo como coisa ruim, maléfica. Nos jornais patenses, o comunismo foi associado à imagem do mal ligada à idéia de sofrimento, pecado, responsável por uma série de violências, tais como tortura, assassinato, e também por promover a usurpação da liberdade e por transformar os seres humanos em escravos do Estado.

Para os anticomunistas patenses, a ação dos comunistas traria formas de sofrimento como fome, miséria, escravização. A nova organização social levaria ao pecado, pois questionava a moral cristã tradicional defendendo o divórcio, o amor livre. A morte acompanharia os bolcheviques, que eram acusados de assassinar em massa seus inimigos e de provocar guerras sangrentas⁷³.

Si assim não procedermos, si puzemos a vida da Pátria, as nossas ambições; si só cuidarmos dos nossos interesses pessoais, descurando dos da coletividade, não demora muito e em breve teremos Brasil esfacelado, a Família abismada na voragem comunista e o ateísmo dominando á toda rédea a Terra de Santa Cruz! Entretanto, o Exército da grande nação Iberica, com isso não concordou e mandando executar o toque de reunir, convocou o povo espanhol a tomar armas em defesa da nacionalidade e nesta torva porque passa a Espanha, o troar dos canhões, o sibilar das granadas e o crepitar das metralhadoras, marcam o início de uma nova era para o Mundo inteiro – ou o fascismo conservador, ou comunismo destruidor. [...] Vencedor este, pelo impatriotismo dos eventuais detentores de poder publico espanhol, o mal não ficará adistrito á grande nação Européia; ele, se alastrará por todas as nações do Velho Mundo, incendiando-as todas e esse incêndio, embora a largura do asseiro constituído pelo Atlantico e que nos separa do continente Européia, extenderá as suas chamas até o nosso continente,

⁷² *Fantasma do comunismo*: O desfecho que tiver a revolução na Espanha decidirá da sorte dos povos – A união de todos os brasileiros para impedir o perecimento da Nação Brasileira. FOLHA DE PATOS, 15 de agost. de 1936, n. 3.

⁷³ GONÇALVES, *Os arautos...*, op. cit., p. 48.

contaminando-nos do mal moscovita, a menos que o povo brasileiro, unindo-se, mas numa união sincera e patriótica o impeça.⁷⁴

Esse texto sobre o comunismo na Espanha apresenta um apelo à população que deveria estar atenta e unida – “numa união sincera e patriótica” – para impedir que o “mal” adentrasse o país. É importante destacar que o texto é de 1936, ou seja, quase um ano após a Intentona comunista e volta a demonstrar a preocupação com essa possibilidade.

No jornal *Folha de Patos*, de 19 de junho de 1937, destaca-se uma matéria sobre o Governo de Valladares, afirmando que ele lutava pela liberdade e estava contra qualquer “força” – lê-se: comunismo – que pudesse pôr fim à liberdade tão amada pelos mineiros, ora acostumados em viver em liberdade:

O mineiro sempre amou a liberdade, e a solidão que o obrigou as suas montanhas, fel-o no Brasil, o mais livre dos cidadãos. Com tão gloriosa carga, não seria agora que iria despojar-a para se entregar voluntariamente à escravidão que nos prometem os imitadores de Lenin [...] caminhado em estradas diversas, visando um mesmo ponto – o assalto ao poder por uma minoria ansiosa por confundir os seus interesses aos interesses da coletividade.⁷⁵

A temática moral contribuiu bastante para o sucesso das mobilizações contra o comunismo. As matérias afirmam que os revolucionários desejavam destruir o pilar básico da instituição religiosa e da própria sociedade: a família.

É importante destacar, mais uma vez, como a Igreja Católica exerceu importante papel na construção do imaginário anticomunista e na disseminação do medo. Patto destaca como essa instituição empenhou-se no combate ao comunismo, uma vez que se tratava de uma luta pela sobrevivência da religião. Um das “armas” utilizadas nesse combate foram as Cartas Encíclicas do Papado – documentos papais dirigidos aos bispos e cardeais – que, a partir do século XIX, manifestavam essa preocupação com o comunismo.

⁷⁴ *Fantasma do comunismo*: O desfecho que tiver a revolução na Espanha decidirá da sorte dos povos – A união de todos os brasileiros para impedir o perecimento da Nação Brasileira. FOLHA DE PATOS, 15 de agost. de 1936, n. 3.

⁷⁵ *A Hora Política*. FOLHA DE PATOS, 19 de junho de 1937.

No jornal *O Federalista* de outubro de 1919, na coluna Acção Social Catholica, Ephemerides Mineiras utiliza a primeira Encíclica, editada por Leão XIII – que visava atender “aos reclamos e aos direitos legítimos de todas as classes” – para falar do e para os operários sobre a “seita de homens que, debaixo de nomes diversos e quase bárbaros, se chamam socialistas, comunistas ou niilistas”⁷⁶:

A oportuna e utilíssima acção social catholica, desenvolvida pelo muito illustre Monsenhor Fernando Rangel, quando Vigário Geral do Arcebispado do Rio, realizando o magnífico plano, alias de há longo tempo esboçado pelo immortal Pontífice Leão XIII, de organização social, attendendo aos reclamos e aos direitos legítimos de todas as classes, vae tendo a sua efficaz repercussão no paiz, para o qual copiosos benefícios advirão dessa grande iniciativa, guerreando impiedosamente a acção maléfica e anti-conservadora do socialismo materialista, cujos dirigentes no paiz, quasi todos estrangeiros, já tem lançado o operariado nacional, em perigosas cartadas de reivindicações, com o emprego de meios de todo inadequados e contrários à ordem constitucional do paiz. A exemplo dos operários catholices da Bélgica, os nossos operários, começando pelos grandes centros industriaes, e que se filiam ao credo catholico, vão organisando as Confederações Catholicas do Trabalho, dentro dos principios da “Encyclica Rerum Novarum” tendo por fundamentos que a execução do programma operário só é possível, em harmonia com os direitos legítimos interesses das outras classes, inclusive das clamadas classes capitalistas, sem o que resultará em verdadeira guerra social; que a orghanisação em base catholica não significa intolerância, sectarismo e muito menos preocupação de dividir os operários, mas, a convicção de que a organização neutra facilmente degenera em revolucionaria ou então fica absolutamente immobilizada: no primeiro caso passa a ser hostil à religião e ao Estado, o que produz a guerra social; no segundo caso, não preenche os fins a que se destina. Coherente com esses principios, o operariado catholico, traçando justos limites às suas conquistas em embalado pela sua fé religiosa, não se promete crear loucamente uma nova e paradisíaca era social e, reunindo-se em syndicatos catholicos, porque “nem por isso haverá dois grupos ou partidos no que concerne às questões concretas do programma operario” contrastando, portanto, nesse modo de agir com o feroz despotismo e intolerância dos grandes syndicatos socialistas, os actuaes feitores do operariado moderno! Quanta inconsequencia na organização dos syndicatos do socialismo materialista!⁷⁷

Ephemerides Mineiras cita Luiz XVI sobre o seu “famoso decreto, em que proclamava a liberdade de trabalho” para criticar os sindicatos que para ele

⁷⁶ Papa Leão XIII. Carta Encíclica *Quod apostolici muneris*. (Sobre o Socialismo e o Comunismo) apud SÁ MOTTA, *Em guarda...*, op. cit., p. 19.

⁷⁷ *Acção Social Catholica*, O FEDERALISTA, 19 de out. de 1919, n. 38.

ao envez de estarem, em nome da liberdade, em atenção às reivindicações proletárias, a escravizar no odiando e vexatório regimem de excepção de suas corporações negastas progresso e ao bem estar humano, e a todos aqueles que necessitam de ter o seu ganha pão diario, e que não podem, pela tyrannia brutal dos taes syndicatos, fugir à contingencia de assignar o pacto onde se brada ferozmente a guerra ao capitalismo.⁷⁸

Mineiras prossegue falando do direito de trabalhar como propriedade, primeira, mais sagrada “a mais imprescriptivel de todas”, de todo homem. O direito de trabalhar era preceito para a conquista da liberdade. A causa operária seria, ao mesmo tempo, “o triumpho da liberdade humana, é a reivindicação suprema das gerações que alcançarem, como é a desforra das opressões e das miserias do passado, mas, começam a escravizar os proprios operários”. E essa liberdade seria conquistada através da tirania, desde a Revolução Francesa e agora triunfaria através dos sindicatos, descrito como “inimigos da ordem conservadora”.

Para ele, o fracasso do “socialismo collectivista” seria repentino ou de “destruição em destruição, de negação em negação” os trabalhadores quereriam o “communismo anarchista”

Triste ideal esse por que querem plasmar, para a humanidade, a sua nova ordem social! Abram a historia do socialismo e desapontem com meia duzia de fracassos de loucas tentativas de alguns de seus mais ardorosos sectarios. Vejam o communismo socialista de Lenine, organizado em Estado, como ruiu fragorosamente nas mãos de seus executores! Depois que Lenine nacionalizou as terras, que é que aconteceu? Diminuiu-se a producção, argumentou a miseria e a fome pairam mais imperiosa qual nova Parca, sobre a Russia infeliz. Que diria Kropotkine, uma das victimas do desvario em que elle ajudou a lançar o seu povo, vendo a triste realidade, os dolorosos effeitos de suas utopias? Elle que, depois de historiar a miseria do povo, as suas desgraças, dizia: “O povo soffre a pergunta: “o que fazer para sahir desse embaraço?” “Pois bem, affigura-se-nos que o que se ha de responder é unicamente o seguinte:— Reconhecer e proclamar, activamente, que toda a pessoa, independentemente de sua condição anterior, seja qual for a sua força ou fraqueza e a sua aptidão ou incapacidade, possui primeiro do que tudo, o direito de viver, e que a sociedade deve repartir com todos, sem exceção, os meios de existencia de que dispõe. Reconhecê-lo, proclamá-lo e agir consequentemente! Proceder de modo que a partir do primeiro dia da Revolução, o trabalhador saiba que uma nova era começa para elle: que d’ora avante ninguem se verá mais forçado a dormir debaixo das pontes ao lado dos sumptuosos palácios: que não haverá fome enquanto houver alimentos; que ninguem tiritará com o frio ao pé dos armazens de peliças, que tudo será de todos, tanto na realidade como em principio, e finalmente

⁷⁸ *Acção Social Catholica*, O FEDERALISTA, 19 de out. de 1919, n. 38.

que se produza na historia uma Revolução que pense nas necessidades do povo antes de lhe dar lições sobre os seus deveres.⁷⁹

A proposta desta matéria era instruir os leitores sobre os erros da proposta revolucionária, destacando que os comunistas procuravam adeptos entre os trabalhadores, ressaltando que os operários deveriam construir seus sindicatos sob o amparo e pilares da Igreja Católica.

Esta e outras matérias deste jornal destacam o comunismo como uma “força” que pretende destruir a nação e entregá-la à escravidão, destruindo a família, a religião, promovendo a desordem, suprimindo as liberdades.

A influência do discurso jornalístico foi fundamental para a construção do imaginário anticomunista em Patos de Minas. Ainda hoje é muito presente em Patos de Minas, principalmente, no discurso de pessoas mais idosas, o medo do comunismo ainda preocupa.

No entanto, pode-se afirmar que a imprensa foi influenciada e reverberou a repulsa ao comunismo demonstrada por alguns grupos sociais. Como afirma Ansart, os imaginários sociais são um “mecanismo simbólico do imaginário que tende a responder às exigências de universalidade pela construção de uma imagem que busca refletir uma sociedade integrada”⁸⁰.

Em Patos de Minas, percebemos que a repressão ao comunismo se intensificou ainda mais até mais ou menos 1940, quando houve um refreamento ou um esvaziamento das manifestações anticomunistas. As matérias já não apresentavam, pelo menos de forma tão constante, discussões sobre o comunismo.

⁷⁹ *Ação Social Catholica*, O FEDERALISTA, 19 de out. de 1919, n. 38.

⁸⁰ Ansart apud GONÇALVES, *Os arautos...*, op. cit., p. 25.

Considerações Finais

A nossa proposta foi entender em que medida o discurso anticomunista demonstrou capacidade de angariar adeptos, ou, inversamente, gerar repulsa. Analisamos, também, como se deu a recepção do anticomunismo pela sociedade civil de Patos de Minas, refletindo sobre a égide da constituição de interesses que estavam por trás da construção do imaginário anticomunista e buscando compreender o que os jornalistas, os políticos e a sociedade entendiam por comunismo.

Como já dito, buscamos entender os discursos políticos múltiplos que agiam como fatores explicativos no combate ao comunismo, bem como os interesses que os nortecavam. Deste modo, priorizamos os textos de divulgação jornalística, dois jornais patenses: *Folha de Patos* e *O Federalista*. Jornais esses que demonstraram maiores interesses em disseminar o medo, publicando matérias que ajudaram a construir uma imagem deturpada do comunismo, seja por total desconhecimento do que seria o comunismo, ou apenas por interesses.

Esses jornais começaram a publicar matérias sobre o comunismo após a Revolução Russa de 1917, ressaltando as condições em que vivia a população russa, ou melhor, a realidade que pretendiam passar para a sociedade, de escravidão, de escassez de recursos essenciais para sobrevivência.

Observamos que os jornais patenses apresentaram diversos argumentos para disseminar o medo e construir uma imagem dos comunistas associada à violência. Para isso, os autores dessas matérias recorreram a argumentos, tais como: uma possível escravização ou supressão da liberdade, liberdade essa entendida como o fim dos direitos de propriedade privada, ponto esse muito recorrente e utilizado de forma deturpada.

Outros eram voltados ao operariado, uma vez que acreditavam que o operariado estava totalmente volúvel à influência do comunismo. A amoralidade e ateísmo, constantes, principalmente, nas matérias da Ação Católica.

Vários são os autores que destacam a Igreja Católica como um dos principais responsáveis por essa disseminação. Numa cidade pequena como Patos de Minas, onde a maior parte da população era católica, a utilização das Encíclicas papais era uma forte aliada. Conclamar a população na defesa do país, da moral, da religião e dos direitos dos homens, principalmente, o operariado, era frequente.

Contudo, quando analisamos a construção desse imaginário percebemos que devemos pensar o comunista em uma sociedade que censura o sujeito que é portador de outros valores, o “diferente”, um ser “estranho” ou de valores não convencionais a uma determinada sociedade.

Finalmente, podemos afirmar que o anticomunismo é uma política que transpõe as preocupações locais e regionais, ou seja, o anticomunista, na produção de seu discurso, tem normalmente uma visão supranacional acerca do que combate.

Referências

ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. Anti-Semitismo. Imperialismo. Totalitarismo. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

AUFIRAS, Monique. *Uma entrevista com Jacques Le Goff*. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991, p. 262-270.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund et all. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. Disponível em <http://www.scribd.com/doc/12853058/Bronislaw-Baczko-Imaginacao-Social>. Acesso em 25 de março 2010.

BEER, Max. *História do socialismo e das lutas sociais: da antiguidade aos tempos modernos*. Prefácio de Marcel Olliver. Trad. de H. Mello. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1968.

BLOCH, Marc. A observação histórica. In: _____. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRUSANTIN, Beatriz de Miranda. *Anauê paulista: um estudo sobre a prática política da primeira 'cidade integralista' do Estado de São Paulo (1932–1943)*. 2004. Dissertação (Mestrado em História) Departamento de História do Instituto de Filosofia e ciências humanas, Universidade Estadual de Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CAMARGO, Aspásia. O Historiador e a História: um relato de François Furet. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 1, 1988, p. 143-161.

CAPELATO, Maria Helena R.; DUTRA, Eliana Regina de F. Representação Política. O reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira. In: CARDOSO, Ciro F.; MALERBA, Jurandir. (Org.). *Representações: Contribuição a um debate transdisciplinar*. São Paulo: Papirus, 2000, p. 248

CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado: formas de regressividade no Capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Livraria Ed. Ciências Humanas, 1978.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: _____. FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 17-149.

DULLES, John W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil, 1900-1935*. Tradução de César Parreiras Horta. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FEBVRE, Lucien. *Combates pela história*. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). Febvre, história. Tradução de A. Marson, P. de Salles Oliveira e M. Elisa Mascarenhas. São Paulo: Ática, 1978, p. 105-106.

FURET, François. Da história-narrativa à história-problema. In: FURET, François. *A oficina da história*. Lisboa, Gradiva, 1985, p. 85.

GONÇALVES, Marcos. “*Os arautos da dissolução*”: mito, imaginário político e afetividade anticomunista, Brasil 1941-1947. 2004. Dissertação (mestrado em História) Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

LAGOA, Maria Izabel; MAZZEO, Antônio Carlos (Org.). *Corações vermelhos: os comunistas brasileiros no século XX*. São Paulo: Cortez, 2003.

LIMA, Idalice Ribeiro S. *Flores do mal na cidade jardim: Comunismo e Anticomunismo em Uberlândia 1945-1964*. 2000. Dissertação (Mestrado em História) Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

MARSON, Adalberto. Reflexões sobre o procedimento histórico, In: SILVA, Marcos A. da (Org.). *Repensando a história*. Rio de Janeiro: Marco Zero/ANPUH – Núcleo de São Paulo, 1984.

MONZANI, Luiz. Símbolos e bandeiras. In: NOVAES, Adauto. *A crise da razão*. São Paulo: Companhia das Letras; Brasília, DF: Ministério da Cultura; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, 1996, p. 537-558.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho. O anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

PALAMARTCHUK, Ana Paula. *Os novos bárbaros: escritores e o comunismo no Brasil (1928-1948)*. Tese (Doutorado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. 2002. Tese (Mestrado em História) Departamento de História, Universidade Federal Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

SEGRILLO, Angelo. *O declínio da URSS: um estudo das causas*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 107.

TRINDADE, H. *Integralismo (o fascismo brasileiro na década de 30)*. São Paulo/Porto Alegre, DIFEL, 1974.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: _____ (org.). *Dominios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.